

Heróismo

e concepção estética da existência

por J. SOARES LOPES

Para definir o que seja um herói é preciso possuir-se a arte suprema de apreender o subtil das coisas. Nunca li Carlyle. Talvez elle o tenha conseguido. Heroismo e herói—envolvem conceitos que se entrecrocão e anulam, que se confundem, baralham ou esmagam. Para definir com precisão, não podemos, pois, recorrer ao que dá o lugar comum ou à simplicidade dum significado simples. E' necessário que ponhâmos nêsse empenho todo o esforço do nosso raciocínio, toda a intelligência crítica que separa, distingue, desfaz, e constrói, e que aportemos à formação do nosso critério individual aquilo que a êste dá individualidade—a manifestação verdadeira do nosso sentir.

Heroismo é sempre afirmação ridente da nossa personalidade. Quem visse o estoico Epicteto suportar que a perna lhe fôsse quebrada pelo amo duro e brutal,—e na sua doce boca o sorriso ativo da indiferença—talvez não vislumbresse, mesmo ao clarão da beleza estoica, o herói que se construía. Mas no domínio da dor, no sarcasmo velado da sua lamúria—«eu não te disse que podias quebrá-la?»—, Epicteto demonstrava a harmonia do seu ser, o estado superior que atingiu, a ponto de poder calar e não se indignar grosseiramente ante a estúpida ferocidade do amo. Heroismo—aquí—é um domínio de instintos profundos, quasi um esmagamento daquilo a que os freudistas, ao estudar o castigo, chamam reacções. Heroismo é uma construção no caos da nossa existência; regula os nossos actos, limita os nossos appetites, leva-nos a compreender a excelencia dos prazeres, sem que nos deixemos tomar pela embriaguez. No mundo do desvairamento e da loucura, heroismo é a negação das paixões irreflectidas, do tumulto, das correntes, do *parti-pris*, é a serenidade crítica, o esforço esclarecido, o individuo contra o gregário, Cristo contra a multidão blasfema e malvada, Hipatia contra os Cristãos.

O herói realiza o que de mais harmonioso, e, por isso, mais suggestivo, mais encantador e mais nobre, possui a humanidade. Em cada canto humilde, em cada mansão perto ou distante de nós, herói silencioso, reside um tipo, um homem que se afirma, que se liberta gradualmente da cegueira das paixões, que abre o seu

pensamento à claridade suave das auroras—e que sendo assim, é útil.

Porque o herói—é o homem que contém uma força de utilidade a favor da grei. Não é só, como o consenso geral o afirma, o homem do ímpeto, do impulso, da explosão; se êste é, por vezes útil, não é o herói mais completo. O seu acto, que de então é benéfico, resultou dum súbito arrebatamento, dum descarga nervosa imediata. Nisto, há uma escala, uma hierarquia bem precisa. Se a intensidade é de admirar, não o é menos a extensão e a duração. O herói mais total, é o que vive sem abdicar nunca, dolorido e sangrando pelas pressões exteriores, o seu magnifico sonho de beleza. E' o trabalhador constante que, na hora própria dá tudo de si, mas que sabe também reservar-se para essa hora—e que até acumula energias, para que mais potência exista no seu interior.

Herói não é só o que sabe entregar-se tódo num instante ao martírio e ao sacrificio. Acima dêsse, está o seu irmão maior, aquêle que tódos os dias acumula as pedras para os novos *Pórticos*, passeia a sorrir ante os desdens alheios, e sabe entoar sempre o mesmo hino às musas e às graças.

Sendo a vida expressão, o herói é dela a mais vigorosa e a mais estética afirmativa. Ele parte das condições vulgares, dominado pelas contingências e subvertendo-as, para realizar em toda a sua actuação, na trajectória vital, uma obra de arte. A vida vivida em toda a sua profundidade e extensão, nas vibrações mais largas, desde o cúmulo das dores até à percepção perfeita dos melhores prazeres e das mais sãs alegrias, constitui bem aquilo a que Rynier chama obra de arte. Se Guyau estudava a actuação por um método a que chamava científico, outros libertam-a disso e chamam-lhe, como realização que é, integral nos pormenores que constituem o todo, o edificar dum beleza sempre nova, sempre diversa, sempre inédita.

Se nos dão sugestões sempre felizes e encantadoras as obras de Rafael, também no-las dá a história, e não só os livros, da vida de Shelley. O herói forma da existência uma concepção estética. Revela no actuar da vida o que de sério e grave existe em si, como o demonstra na tela, angustiado às vezes, um nervoso artista.